

SIMPÓSIO 059 – IMAGINÁRIO, PERFORMANCE E ECOPOÉTICA
A UTOPIA NA DISTOPIA: A BEATLEMANIA COMO TRADUÇÃO DE UMA
ERA ETERNA

NAVES, Ludmila Martins
PUC-GOIÁS
thebeatlesutopia@gmail.com

PINTO, Divino José
PUC-GOIÁS
djlages16@gmail.com

Resumo: neste trabalho, objetiva-se trazer à centralidade, investigando o processo da tradução transcriativa, a utopia como resiliência, nos tempos contemporâneos de distopia. Para tanto, partimos da observação crítica de canções escolhidas d’Os Beatles, focando os aspectos, musical, textual e imagético, como artística que transita por universos vários como a literatura/poesia, vanguarda musical e cinema. As postulações teóricas de Michel Foucault, Jacques Derrida, Julio Plaza, Roland Barthes, Haroldo de Campos e outros nortearão esta comunicação. Por meio de reflexões sobre a tradução entre línguas e sistemas, procedendo à análise crítica o objeto mencionado, busca-se aqui compreender como a dimensão utópica vem a ser considerada uma sombra que se ergue a partir das entranhas do universo distópico. Desse modo, buscamos no legado d’Os Beatles, elementos da contracultura e da linguagem imagética do movimento *hippie*, as contribuições multissensoriais que mobilizam jovens ao redor do mundo, inspirando as mais variadas performances, considerando que o mundo não seria mais o mesmo desde o lançamento do álbum *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band* em 1967 e das canções *Yellow Submarine* e *The fool on the hill*. Sem se distanciar do propósito inicial que busca na cultura da beatlemania a prevalência da utopia, mesmo nos tempos da dissolução dos valores pela distopia que persiste persuasivamente na questão social do imaginário coletivo.

Palavras-Chave: Utopia; Distopia; Beatlemania; Imagem; Urbanidades.

Abstract: In this work, aims to bring to the centrality, investigating the transcultural process, the utopia as resilience, in contemporary times of distortion. Since then, we start with the critical observation of collages chosen by the Beatles, focusing on musical, textual and imagery aspects, such as art

that transits universes such as literature / poetry, musical avant-garde and cinema. As theoretical postulations by Michel Foucault, Jacques Derrida, Júlio Plaza, Roland Barthes, Haroldo Campos and others will guide this communication. By means of reflections on the translation between languages and systems, proceeding to the analysis of the critic or the objective, it is sought here as a utopian dimension comes to be a shadow that rises from the bowels of the dystopic universe. In this way, they seek not the Beatles, the elements of the counterculture and the imagery language of the movement, such as those that are multisensorial that mobilize young people around the world, inspire more varied performances, considering that the world is no more important than album release Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band in 1967 and the songs Yellow Submarine and The Fool on the Hill. The search for the culture of beatlemania is a constant of utopia, even in the times of the dissolution of values by the dystopia that persists persuasively in the social question of the collective imaginary.

Keywords: Utopia; Dystopia; Beatlemania; Image; Urbanities.

Introdução

Na tradução de um poema, o essencial não é a reconstituição da mensagem, mas a reconstituição do sistema de signos em que está incorporada esta mensagem, da informação estética, não da informação meramente semântica.

Haroldo de Campos

O presente artigo tem como objetivo trazer à centralidade a sedução persistente no imaginário coletivo a partir da beatlemania, em canções escolhidas d'Os Beatles. Merece notória atenção, essa banda inglesa de rock, que surgiu na década de 60, do século XX, imbricando-se historicamente às origens do *rock and roll* e à evolução deste estilo, revolucionando assim a indústria cultural e o imaginário social de uma geração, instigando-a à reflexão, e manifestando-se como utopia, em forma de resiliência, que perdura na contemporaneidade.

Apresentamos aqui reflexões a respeito da tradução entre línguas e sistemas, a partir de canções d'Os Beatles e suas relações com o mundo, as

quais persistem em traduções transcriativas de canções como: *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, *Yellow Submarine*, *The Fool on the hill*, *Strawberry Fields Forever*, como manifestações críticas ao *modus vivendi* da época, à guerra, nos engajamentos e ofensivas dos Estados Unidos da América, principalmente no tenso período entre 1965 e 1968.

Ecoam-se, desse modo, os ruídos da guerra, aquilo que a crítica observa no letrismo d'Os Beatles, nos aspectos, musical, por meio dos arranjos sugestivos, textual, em sua aproximação com a poesia, imagético, pela criação de universos performativos transitando por sistemas vários como a literatura/poesia, vanguarda musical e cinema.

1. Coração solitário: *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*

No álbum, *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, a transcrição poética ecoa por um contexto social de cunho particular dos jovens ingleses como crítica à realidade com seu ápice no ano de 1967. Para tanto, George Martin (2017) relatou quão importante é pensar que a Inglaterra estava apenas há vinte e poucos anos “em paz”, sem guerrear em campos de batalhas, mas as guerras ainda aconteciam pelo mundo, como era o caso da Guerra do Vietnã. Eis, então, a persistência de uma poética da utopia que se verifica na análise crítica desse álbum, considerado, por muitos, o mais importante d'Os Beatles, ainda que o seu lançamento tenha sido próximo ao *Magical Mystery Tour* que também é um álbum com canções psicodélicas que chamaram a atenção, ecoando poética do mundo e a utopia transcendente.

No contexto sócio-cultural a análise transcriativa de uma canção como letrismo, apresenta-se, por meio de diferentes percepções:

A percepção total de uma canção não é imediata e passiva: é um fato de organização que se aprende em um contexto sócio cultural, sendo que as leis de percepção total formam-se de modelos de cultura. (ECO, 1972, p. 168)

O referido álbum, *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, coaduna com valores atuais, tais como; a necessidade de expressão de milhares de jovens à contracultura, a resistência e a utopia na contemporaneidade.

Assim, cria-se, nele, uma identidade própria com o público ao transcriar uma sensação flutuante, em poética ácida e doce que está na representação do Blues para os Beatles assim como no *modus vivendi* presente neste estilo musical que trouxe canções sobre amor, sexo, pobreza, viagens sem rumo certo, bem como a questão da falta de dinheiro e a esperança como utopia resiliente no mundo. Martin (2017) aponta esse espírito como uma concepção de verdade como estética da paz e do amor.

Na nostalgia persistente nas canções do álbum em apreço vemos os “[...] limites que margeiam lembranças sem estimular ou evocar uma ação presente, e sem um encontro dialético para preparação do futuro” (PLAZA, 2008, p. 6), em tempos da dissolução dos valores, em tempos de distopia.

2. Da invisibilidade: “The fool on the hill”

Na canção: “The fool on the hill”: “*Day after day alone on the hill / The man with the foolish grin is keeping perfectly still / But nobody wants to know him.*” (John Lennon/Paul McCartney), há uma mostra substancial do mascaramento que torna invisível o que está, paradoxalmente, latente na camuflagem do discurso, como aconteceu com o “Flower Power”, movimento *hippie*, que inspirou jovens em todo o mundo a levantarem bandeiras pacifistas, a descobrirem o amor livre e o universo psicodélico. Martin (2017) refere-se, então, ao sistema capitalista dominante, à inconsistência da civilização ocidental racional, a sociedade de rótulos sociais, à distopia que se instalava, mas sem se esquecer da utopia persistente por meio do discurso das artes.

Nessa viagem transcendental, rumo ao “litoral das ideias”, avista-se um norte, no que Jacques Derrida (1999) questionou, na sua teoria da desconstrução, como antífrase do mundo em que se inserem dicotomias,

especialmente se mirarmos os vários movimentos culturais ou de contracultura, nos quais se pode interrogar as limitações, de forma que seja aplicável a reflexão hierárquica do pensamento metafísico ocidental. Destacados, a partir da conformação letra/arranjo, cuidadosamente encaixados na canção, “The fool on the hill” alguns pontos de desconstrução tais como: natureza/cultura, causa/efeito, língua/fala, fala/escrita, homem/mulher, realidade/aparência, sonho/realidade, dentre outras combinações binárias que podem ser observadas neste pensamento desconstrutivista que expõe uma lógica oposicional, deparamo-nos com essa linguagem apodítica na qual se emolduram os mascaramentos que persistem em discursos naturalmente construídos por uma tradição.

Para tanto, focando nos aspectos, musical, textual escrito e imagético, como forma artística que transita por universos vários como a literatura/poesia, vanguarda musical e cinema, damos destaque às questões da invisibilidade do ser humano que perduram, daqueles dias sombrios da composição d’Os Beatles aos dias atuais, verificando o desejo de romper o casulo como a persistência da utopia na distopia na tensão dialética observada na transição da Modernidade para a Hipermodernidade. Sendo assim, para Thompson (1995) o surgimento d’Os Beatles, é um fenômeno que permanece feito sedução no imaginário social e cultural, vez que, por meio da hermenêutica thompsoniana, se pode observar a presença d’Os Beatles, como mito.

Por vez, Turner (2018), relata sobre a história da banda que o fato d’Os Beatles não terem tocado em Woodstock, o maior festival de música e arte do ano de 1969, o mesmo que carregou o emblemático movimento hippie “Flower Power”. No entanto, lá estiveram mediados pelo atravessamento que suas ideias, atitudes e canções são capazes de realizar. Joe Cocker cantou o hit; “With a little help from my friends”, canção d’Os Beatles que soa como antítese à ideia de solitude que há na poética da canção; The fool on the hill; sendo assim, por meio dessas transcrições nascidas de uma memória involuntária coletiva, nas vidas e nos corações de milhares de pessoas ao redor do mundo, eis que, por persistência de uma utopia que rompe os calabouços da distopia: o

esquecimento do passado e o desmascaramento de cenários postos à mostra das grandes feridas e dos maiores sonhos da eterna díade da paz e do amor. E os Beatles não foram ao Woodstock por questões relacionadas a um posicionamento social, mas estiveram presentes na utopia do festival.

3. Rastros da diversidade: “Yellow Submarine”

A canção “Yellow Submarine” realiza, de certa forma, uma síntese da chamada Pop Art, uma mistura de estilos vários do início do século XX: Cubismo, Construtivismo, Modernismo, Art Nouveau, Futurismo, Bahaus. Bill Morrison (2018) apresenta essa animação que transcria o estilo psicodélico d’Os Beatles, em tons marcantes de uma persistente utopia, toda colorida, ressaltando o amarelo como luz em tempos tão tenebrosos de guerra, recorrendo a essa luz nas profundezas do mar que evocam as trevas das angústias humanas.

Nessa utopia persistente identificada na canção performativa em análise, notamos nos elementos sobrepostos, extraídos a partir da natureza do olhar, conforme nos orienta Roland Barthes (1993) sobre a questão do mito que corrobora o objeto mágico, surgindo no presente, sem nenhum rastro da história que o produziu. Desse modo, o pensar recai sobre a equivalência, transcriando e construindo novos significados a partir do “agora”, sendo assim, transcendentais entre tempos e espaços.

Nos mergulhos do submarino amarelo observa-se uma forma de linguagem apodítica inversa em relação ao principal produto de guerra estadunidense. Mais do que um desenho animado que arrebatava fãs desde a infância, essa obra imagética indissociável da canção multimidiática, estimula jovens a ampliar seu olhar crítico. Eis, então, a persistência de uma utopia na contracultura, integrando-se nas manifestações pacíficas que contestam tradicionais valores, rótulos sociais e se une em vigílias contra as guerras pela díade da paz e amor.

Martin (2017) ressalta essa díade como o futuro que já havia chegado, como um grande estrondo em um movimento artístico onde a arte era o “mundo pop”.

Considerações Finais

Considerando a utopia na distopia, a partir do letrismo d’Os Beatles, especialmente nas canções aqui citadas, temos que essa resistência da utopia como resiliência pode ser observada em transcrições poéticas por meio das várias abordagens, destacando aqui as relações intersemióticas tendo como uma das principais ferramentas a análise do discurso.

Observamos, no legado d’Os Beatles, aquilo que a crítica aponta como movimento carregado de elementos da contracultura, enriquecido pela consciência estética com a linguagem imagética do movimento *Hippie* e suas contribuições multissensoriais que fez da beatlemania um *locus* de prevalência da utopia em tempos de dissolução dos valores humanos pela distopia, a qual persiste com a questão do inconsciente sócio-cultural no imaginário coletivo.

Dessa forma, acreditamos ser possível retornarmos ao nosso mais profundo eu, mergulhando, navegando nas profundezas das canções d’Os Beatles para observar o unívoco, ou do alto da colina como tolos, nos percebermos no meio da multidão, como transeunte em uma praia lotada, colecionando angústias. Ou ainda, termos o coração colhido como morangos em campos de guerra da nossa própria existência na dialética do mundo, se não resistirmos às milícias urbanas do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CLAEYS, Gregory. **Utopia**: a história de uma ideia. Trad. Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Desconstrução e Ética**: ecos de Jacques Derrida. RJ: PUC; SP: Loyola, 2004.

ECO, Umberto. **A Definição da Arte**: arte e comunicação. Lisboa: Edições 70, 1972.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1978.

_____, **Microfísica do Poder**. São Paulo: Ed. Graal, 1978.

GUTTING, Gary. **Foucault and the history of madness** in Cambridge Companion to Foucault 1994.

MARTIN, George. **Paz, amor e Sgt. Pepper's**. Rio de Janeiro: Dumará, 2017.

MORRISON, Bill. **The Beatles: Yellow Submarine**. Tradução: Bruno Dorigatti. Baueri: Darkside Books, 2018.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TURNER S. *The Beatles*. **O ano revolucionário 1966**. São Paulo: Editora Benvirá, 2018.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **Guerra do Vietnã**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.